

MERCADO DE TRABALHO E INDIVÍDUOS COM GAGUEIRA: A VISÃO DO EMPREGADO

Pollyana Silva ARAÚJO¹
Andréia Cristina Munzlinger dos SANTOS²
Gabriela De Luccia DUTRA²

¹Discente do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG)

²Docente do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG)

Palavras-chave: Mercado de trabalho, Empresas, Gagueira, Adultos.

INTRODUÇÃO

A gagueira é um distúrbio da comunicação que se caracteriza por uma ruptura involuntária no fluxo de fala. Essas rupturas são chamadas também de disfluências (YAIRI, 1997).

A incidência de pessoas que gaguejaram em algum momento da vida é de 4%, porém a remissão acontece antes da adolescência. O distúrbio é mais comum em homens do que mulheres, sendo uma das justificativas para essa prevalência é que as mulheres necessitam de um maior número de genes para a gagueira (NAGIB; MOUSINHO; SALLES, 2016). A gagueira ainda é um tema bastante estudado, pois o seu surgimento é de origem multifatorial (ANDRADE, 2003). A gagueira quando na fase adulta, torna-se um distúrbio crônico, e que requer acompanhamento especializado para resultar numa melhor qualidade de vida.

Andrade (2008) afirma que a gagueira pode afetar a vida do indivíduo, pois o mesmo pode desenvolver sensações de vergonha e culpa, associadas ao desempenho da fala que é o principal meio de transmitir informações, exercer influência e poder, semear humor, estimular pensamentos e expressar soluções de problemas. Como impacto da gagueira na qualidade de vida, observa-se uma grande limitação na função comunicativa do indivíduo, a inibição da participação de atividades sociais e uma redução das oportunidades ocupacionais (RODRIGUES, 2001).

Segundo os autores Christmann (1998) e Woods (1978) refere-se que o problema que as pessoas gagas têm na sua habilidade de se comunicar, faz com que seja realizado um julgamento negativo e diretamente relacionadas a discriminação em achar uma atividade ocupacional.

Em uma revisão de literatura feita por Oliveira (2003) foi abordado que existe uma clara tendência em que os empregadores estabelecem uma visão em rotularem, sem conhecimento, que os gogos são pessoas estranhas pelo seu modo de se comunicar. Além disso, os empregadores consideram o indivíduo gago uma pessoa nervosa, insegura, especialmente na hora de se comunicar. Tais dificuldades também afetam a relação com o cliente, que nem sempre sabem como agir diante da situação.

Kehoe (1997) afirma que o sujeito gago encontra em desvantagem ao buscar um emprego. Muitos até permanecem em trabalhos indesejados, em cargos ruins, enquanto pessoas até menos qualificadas, mas fluentes, acabam tendo um maior sucesso em suas carreiras. Em entrevistas de emprego, os gogos procuram tomar cuidado com certas palavras que usam, pois relatam que o distúrbio diminuiu a tranquilidade, passa impressão de insegurança e que concordam com as pessoas que segurem que gogos busquem emprego em cargos que exijam menos da fluência da fala (CHRISTMANN, 1998).

OBJETIVO

Compreender o mercado de trabalho dos indivíduos gogos e as dificuldades autorreferidas.

MÉTODOS

Foi realizado um estudo de caso com quatro indivíduos gogos sobre o mercado de trabalho, ao qual assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, o Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos e receberam as instruções necessárias sobre a atividade proposta sobre o presente estudo.

O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa sob protocolo número 14549819.7.0000.5692.

Os critérios de inclusão foram: diagnóstico fonoaudiológico de gagueira, ambos os sexos, que trabalhou ou estivesse empregado, com idade de 18 a 50 anos e que estivesse trabalhado por mais de doze meses. Os critérios de exclusão foram: ter alterações neurológicas, auditivas, comportamentais, síndromes genéticas, físicos ou alterações e/ou características pertinentes que pudessem influenciar na contratação do indivíduo no mercado de trabalho.

Para a definição do diagnóstico da gagueira foi realizada a avaliação da fluência da fala através da coleta da amostra de fala espontânea. Posteriormente foi feita a classificação quanto ao grau da gravidade da gagueira sendo (muito leve, muito leve para leve, leve, leve para moderada, moderada, moderada para grave, grave, grave para muito grave e muito grave) vista como a classificação proposta por Riley (1994).

Os pacientes realizaram o preenchimento do questionário “Impacto do Distúrbio da Fala na Qualidade de Vida” elaborado por Lúcio et al. (2013), que contém 18 questões fechadas, sendo divididas nos parâmetros de domínio de auto-percepção geral que consta nas questões 1 e 2, domínio físicos questões de 2 a 5 e domínio emocional de 6 a 11 e social de 12 a 17. Para cada questão o indivíduo deve assinalar uma das opções: sempre, algumas vezes, raramente, nunca ou não sei.

Por fim, os participantes preencheram outro questionário focado na pesquisa de mercado de trabalho denominado “Pesquisa sobre o Mercado de Trabalho de Indivíduos Gagos” elaborado pelas pesquisadoras desse estudo, composto em duas partes: parte 1 com 7 questões abertas e 9 questões fechadas de opções “sim ou não”.

RESULTADOS

Participaram do estudo quatro indivíduos, sendo uma mulher (P1, 32 anos) e três homens (P2, 25 anos), (P3, 33 anos) e (P4, 35 anos). Em relação à gravidade da gagueira o P1 apresentou gagueira de grau moderado, o P2 moderado para grave, o P3 grave e o P4 de grau leve para moderado.

No Quadro 1 são apresentadas as respostas dos indivíduos conforme o Questionário Impacto dos Distúrbios da Fala na Qualidade de Vida, quanto mais respostas como “sempre” indicam que o impacto na qualidade de vida é alto. No quadro 1 pode-se verificar que os pacientes P1 e P3 apresentaram maior impacto na qualidade de vida se comparado aos demais participantes. Na última questão 50% dos participantes relataram ter uma qualidade de vida ruim e os outros 50% como boa.

ESPAÇO QUADRO 1

No questionário sobre o mercado de trabalho, na primeira parte foram descritas questões subjetivas relacionadas as experiências profissionais. A paciente P1 relatou que trabalha há 11 anos (132 meses), não é graduada e ocupa o cargo de faqueira. Tem ensino médio completo e teve outros quatro empregos. Em seu último emprego, P1 permaneceu por três meses e concorda que a gagueira atrapalha no desempenho profissional e nunca realizou tratamento fonoaudiológico.

O paciente P2 relatou que atualmente não está trabalhando, não tem profissão, é universitário, em seu último emprego trabalhou por quatro anos e foi seu primeiro e único emprego (repositor). Atualmente, ele não concorda que a gagueira interfira na sua vida profissional, pois ele passou pelo processo de reabilitação fonoaudiológica por um ano.

O paciente P3, 33 anos, trabalha como vigilante há três anos e sete meses, tem ensino superior completo, anteriormente teve quatro outros empregos que permaneceu por três anos e sete meses e concorda que a gagueira atrapalha no desempenho profissional e está fazendo tratamento fonoaudiológico atualmente.

O participante P4, 35 anos, está desempregado atualmente, é universitário, anteriormente teve três empregos permanecendo no último por dois anos. O paciente concorda que a gagueira atrapalha no desempenho profissional e está fazendo tratamento fonoaudiológico atualmente.

No quadro 2 verifica-se as respostas para as perguntas objetivas do questionário sobre o mercado de trabalho, onde cada pergunta totaliza 100% de respostas. Nisso, 50% dos participantes relataram que não gostam de se comunicar por causa da fala, 50% esteve ou está em um emprego que não gostaria, 75% esteve ou está em um emprego que não precise falar, 75% concorda que é difícil ou foi difícil encontrar um emprego, 75% está ou esteve insatisfeito com o salário, 75% culpa a gagueira pela não elevação de cargo, 100% dos indivíduos já sofreram bullying, 50% dos pacientes já foram demitidos por causa da gagueira e 75% dos participantes já realizaram ou estão em tratamento fonoaudiológico.

ESPAÇO QUADRO 2

DISCUSSÃO

Foi observado na entrevista inicial que o número de pessoas com a gagueira foi predominantemente para a população masculina (75%), sendo que uma das justificativas para essa prevalência é que as mulheres necessitam de um maior número de genes para a gagueira (NAGIB; MOUSINHO; SALLES, 2016). Como destaque, Chevrie (2005) cita em que há relação de três meninos para uma menina na ocorrência da gagueira.

Um discurso é considerado como gaguejado quando a fala é apresentada uma taxa de disfluências típicas da gagueira maior que 3% ou quando a soma das disfluências gagas e as disfluências comuns são maiores que 10% (YAIRI, 2006). Corroborando com tais achados, foi observado que os indivíduos apresentaram elevados índices de disfluências e concomitantes físicos, bem como, alterações na velocidade de fala e frequência de rupturas, caracterizando-se P1 com gagueira de grau moderado, P2 de moderado para grave, P3 grave e P4 de grau leve para moderado.

No Quadro 1, foi observado que 50% dos participantes relataram ter uma qualidade de vida ruim, sendo que os pacientes P1 e P3 apresentaram maior impacto na qualidade de vida se comparado aos demais participantes. Furquim (2008) relata que a experiência de gaguejar pode incluir aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais negativos, resultando em limitações significativas na habilidade dos indivíduos gagos em participar de atividades do dia-a-dia, tendo um efeito negativo na qualidade de vida geral.

No quadro 2 foi observado que 50% dos participantes relataram que não gostam de se comunicar por causa da fala, 50% esteve ou está em um emprego que não gostaria, 75% concorda que é difícil ou foi difícil encontrar um emprego, 75% está ou esteve insatisfeito com o salário, 75% culpa a gagueira pela não elevação de cargo e 50% dos pacientes já foram demitidos por causa da gagueira. Além disso, 75% dos indivíduos relataram que estiveram ou estão em um emprego que não precise falar. Os cargos ocupados pelos participantes foram: faqueira (P1), repositor (P2), vigilante (P3) e vendedor (P4).

Christmann (1998) afirma que muitos empregadores veem a pessoa gaga como uma pessoa nervosa, insegura, justamente pela maneira de se expressar, e que isso justifica a dificuldade do gago em se expressar com o cliente, tornando um viés de contratação desse candidato.

Um estudo apontou que 85% dos empregadores concordam que a gagueira diminui com a contratação dos indivíduos que tem o distúrbio e também diminui com as oportunidades de promoção dos que já estão dentro de suas ocupações (HURST & COOPER, 1983).

Friedman, 2007, relata que atualmente, as empresas buscam cada vez mais candidatos capacitados para ingressarem em suas empresas, que, por sinal, está cada vez mais competitivo. Os empregadores buscam um funcionário com bom desempenho comunicativo, e os que não se enquadram nesse quesito, infelizmente apresentam uma baixa contratação nas empresas.

Todos os indivíduos do presente estudo referiram já ter sofrido algum tipo de bullying devido à alteração na fluência da fala (Quadro 2). Em um estudo de caso realizado por Leles (2018) verificou-se que o sujeito sofria agressão do tipo físico e verbal, sendo que estas ocorrem e/ou ocorrem na escola e no trabalho. Na gagueira, o bullying é um grande causador de emoções negativas, agravando o distúrbio em todos os níveis, atrapalhando ainda mais a qualidade de vida desses indivíduos (NAGIB, MOUSINHO, 2016). Leles (2018) ainda aponta a necessidade de ampliar o fazer clínico para uma prática interdisciplinar, onde o psicólogo também seja ator do processo terapêutico de indivíduos que gaguejam juntamente com o fonoaudiólogo.

Ainda neste estudo foi observado que 75% dos participantes já realizaram ou estão em tratamento fonoaudiológico (Quadro 2), isso implica também nas respostas do questionário do Quadro 1, pois a questão 18 julga a qualidade de vida durante o último mês e os pacientes P1 e P4 julgam sua vida como ruim, pois P1 nunca fez nenhum tratamento fonoaudiológico e P4 ainda está em começo de intervenção. Quanto ao tempo de duração da terapia é variável de acordo com a idade, gravidade da gagueira, entre outros fatores. Geralmente, em média, com 15 semanas é possível ter uma redução no grau da severidade da gagueira (ANDRADE, 2008).

A intervenção fonoaudiológica para o tratamento da gagueira consiste, basicamente, na utilização de exercícios com o objetivo de ensinar um novo modelo de produção de fala e favorecer a fluência. É de suma importância quanto mais cedo for diagnosticado e começar o tratamento, mais fácil é a adaptação e até a remissão da gagueira (OLIVEIRA, 2005).

Craig e Calver (1991) realizaram um estudo na Austrália em que observaram um grupo de gagos que fizeram dez meses de reabilitação da fala, e verificaram que 44% dos empregados gagos conseguiram uma promoção, 40% mudaram de emprego e 36% relataram mudanças positivas no trabalho.

A reabilitação para esses indivíduos gagos adultos é importante, pois poderá ajudá-los dentro do seu meio social, seja com a família ou dentro do âmbito de trabalho. A gagueira não é considerada uma deficiência, por isso, as empresas não estão aptas para lidar com a questão de que os funcionários que tenham o distúrbio precisem de apoio. O essencial é que tenha um fonoaudiólogo dentro do âmbito empresarial para que possa dar assistência necessária para esses funcionários. Sendo assim, o fonoaudiólogo é o profissional habilitado que trabalha em áreas específicas da comunicação, como a voz, a fala, a linguagem e a audição, estabelecendo uma comunicação objetiva e de acordo com o ambiente inserido (GONÇALVES, 2000).

A gagueira ainda é algo muito discutido, com muitos tabus em sua origem, por isso é necessário que a divulgação do assunto seja mais abrangente, sendo mais conhecido e também mais objetivo em relação aos que sofrem com o distúrbio, uma vez que precisa de tratamento, desde quando detectado o problema para que não haja problemas futuros e/ou uma fase adulta difícil.

A limitação desse estudo foi o baixo número de participantes, sendo que a busca dos pacientes foi feita no ambulatório de fluência de uma clínica escola onde a maioria dos pacientes são crianças. Caracterizando-se, assim, uma baixa procura do indivíduo gago pela reabilitação na fase adulta. Apesar do tratamento fonoaudiológico não curar a gagueira, ele poderá ajudar na minimização dos sintomas e melhorar a qualidade de vida.

CONCLUSÃO

Conclui-se que os pacientes que participaram da pesquisa confirmaram as hipóteses de que a fala é um fator que interfere no momento da busca de um emprego e que eles vão à busca de uma vaga que não necessite se expressar verbalmente, aumentando a probabilidade dessas pessoas estarem insatisfeitos com o cargo, e que a gagueira interfere na vida desse indivíduo na busca de uma ocupação.

A gagueira pode contribuir com a probabilidade desse funcionário não conseguir uma elevação de cargo e muitos até sendo demitido pelo modo de seus patrões acharem que é prejudicial pra empresa manter esse funcionário, pois os clientes podem ficar constrangidos em ser atendido por alguém que gagueja e/ou acharem que a gagueira é contagiosa.

A intervenção fonoaudiológica é de suma importância na vida desses adultos gagos, pois estudos demonstram que a reabilitação é eficaz, assim como a ajuda psicológica para que esses indivíduos possam ter uma qualidade de vida e uma boa ocupação, pois a gagueira é algo tratável, e que esse distúrbio possa ser perfeitamente estabilizada, não interferindo a promoção ou na capacitação em que esse paciente esteja buscando.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C.R.F. Qualidade de vida em indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente. **Pró-Fono: Revista de Atualização Científica**. 2008 out-dez;20(4):219-24
- ANDRADE, C.R.F. A gagueira e o processo da comunicação humana: Linguagem: desenvolvimento normal, alterações e distúrbios. Série: **Fonoaudiologia: Informação para Formação**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.
- ANDRADE CRF, Sassi FC, Juste FS, Ercolin B. **Qualidade de vida em indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente**. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**. 2008 out-dez;20(4):219-24.
- American Psychiatric Association (APA). Diagnostic and statistical manual of mental disorders – DSM V (2013). Disponível em <<http://dsmpsychiatryonline.org/doi/book/10.1176/appi.books.9870890425596>> Acessado em 16/11/2018.
- AMBROSE L.M.G; Chiari, B.M. Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento. Carapicuíba – SP: **Pró-Fono**, 1992.
- CRAIG, A.R. & Calver, P. Following up on treated stutterers: studies of perceptions of fluency and job status. *Journal of Speech and Hearing Research*, 34:279-284.
- CHEVRIE, E.M. Avaliação das atitudes a respeito da comunicação em gagos: o uso da Escala S de Erickson. **Poster apresentado no X Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental**. Campinas, SP, 2005.
- CHRISTMANN, T. WOODS, L. Phonological Priming in Picture naming of young children who sutter. *J Speech Lang Hear Res*, 1998.
- FRIEDMAN, S. Emoção: efeitos sobre a voz e a fala na situação em público. *Distúrb Comum*. Dezembro, 2007; vol. 19(3): 325-336.
- GUEDES, J.R. **Conselheiro Fiscal do Instituto Brasileiro de Fluência – IBF**, 2016. Disponível em http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=159 Acessado em 26/09/2018.

- GONÇALVES, N. A importância de falar bem. Ed. Lovise. São Paulo, 2000.
- HURST, C.V. COOPER. B.L. **Predicting Stuttering from phonetic complexity in German.** J Fluency Disord, 1983.
- KEHOE, V.M. Disfluência: Caracterização dos tipos e frequências de ocorrência em um grupo de escolares. Pró-Fono, 1997.
- LÚCIO, G. S.; PERILO, T. V. C.; VICENTE, L. C. C.; FRICHE, A. A. L. **Impacto dos distúrbios da fala na qualidade de vida: proposta de questionário.** Belo horizonte: Revista [s.n.], 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/codas/2013nahead/pt_2317-1782-codas201305000011.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- LELES, M.O, **CARACTERIZAÇÃO DO BULLYING EM INDIVÍDUOS QUE GAGUEJAM: RELATO DE CASO,** Várzea Grande – MT, 2018.
- MARCHESAN, I. Q. Falar – habilidade que aproxima ou afasta as pessoas. In FILHO, O. L. Novo Tratado de Fonoaudiologia. 3. ed. Barueri: Manole, p. 469 – 485, 2013.
- NAGIB, L.; MOUSINHO, R. Caracterização do bullying em estudantes que gaguejam. **Revista psicopedagogia,** São Paulo, v. 33, n. 102, p. 235-250, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 Junho de 2019.
- OLIVEIRA, M.H.M.A. Rev. Estudos de Psicologia, PUC Campinas, v.20, n.1, p.51-60, Janeiro de 2003.
- OLIVEIRA, C.M.C. **Intervenção Fonoaudiológica na Gagueira: Considerações Gerais,** São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.abragagueira.org.br/tratamentos_forum.asp?id=6> acessado em 23/06/2019.
- RODRIGUES, L. **Caracterização do bullying em estudantes que gaguejam,** 2001. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n102/03.pdf>> acessado em 27/10/2018.
- RYLEI, G.L.D. Stuttering Severity Instrument for Children and Adults. Pro Ed, Austin 1994.
- VAN RIPER C, Emerick L. **Correção da linguagem: uma introdução à patologia da fala e à audiologia.** 8. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- YAIRI, E. Disfluency characteristics of childhood stuttering. Em: R.F Curlee e G.M and Siegel (ed), Nature and treatment of stuttering, pp: 49-76. **NeedhanHeights:** USA, 1997.
- YAIRI, E. Subtyping stuttering I: A review. Journal of Fluency Disorders, v. 32, p. 165-96, 2007.

ANEXOS

Quadro 1. Respostas para o Questionário Impacto dos Distúrbios da Fala na Qualidade de Vida (LÚCIO, 2013).

Questão	P1	P2	P3	P4
1 - Você acha que tem alguma alteração na fala?	Sempre	As vezes	Sempre	Sempre
2- Com que frequência sua família e seus amigos NÃO compreendem o que você fala?	As vezes	Raramente	As vezes	As vezes
3) Com que frequência as outras pessoas NÃO entendem o que você fala?	As vezes	As vezes	As vezes	As vezes
4) Você sente dificuldade ao falar no telefone?	Sempre	Raramente	Sempre	As vezes
5) Você tem que repetir o que fala para ser bem compreendido?	As vezes	As vezes	As vezes	As vezes
6) Sua fala afeta o seu humor?	Raramente	Raramente	Sempre	As vezes
7) Seu modo de falar te deixa ansioso(a)?	Sempre	As vezes	Sempre	As vezes
8) Sua fala te deixa deprimido(a)?	Nunca	As vezes	As vezes	Raramente
9) Você sente incômodo ou vergonha pelo seu modo de falar?	Sempre	As vezes	Sempre	Sempre
10) Você está insatisfeito com seu modo de falar?	Sempre	Raramente	As vezes	Sempre
11) Você fica irritado quando as pessoas pedem pra você repetir o que falou?	Sempre	Nunca	As vezes	Raramente
12) Você evita sair de casa por causa de sua fala?	Nunca	Nunca	As vezes	Nunca
13) Sua fala altera de alguma forma seu relacionamento com sua família?	Nunca	Nunca	Nunca	Nunca
14) Sua fala altera seu relacionamento com os	Sempre	Nunca	As	Raramente

amigos?			vezes	
15) Sua fala altera seu relacionamento com as pessoas desconhecidas?	Sempre	Raramente	Sempre	Raramente
16) Você tem dificuldade no trabalho/escola por causa do seu modo de falar?	Sempre	As vezes	Sempre	As vezes
17) Você se sente excluído nas conversas por causa de sua fala?	Sempre	Não sei	As vezes	As vezes
18) Pensando na sua fala no último mês, como você classifica a sua qualidade de vida nos dias de hoje?	Ruim	Boa	Boa	Ruim

Quadro 2. Questionário de pesquisa sobre o mercado de trabalho de indivíduos gagos.

QUESTÕES	P1	P2	P3	P4	Sim	Não
1) Não gosto de me comunicar por causa da minha fala	Sim	Não	Sim	Não	50%	50%
2) Estou/estive em um emprego que não gostaria	Sim	Não	Sim	Não	50%	50%
3) Estou/estive em um emprego que não precise falar	Sim	Sim	Sim	Não	75%	25%
4) Foi/é difícil encontrar um emprego	Sim	Sim	Sim	Não	75%	25%
5) Estou/estava insatisfeito com o meu salário	Não	Sim	Sim	Sim	75%	25%
6) Minha gagueira dificulta minha elevação de cargo	Sim	Não	Não	Não	25%	75%
7) Já sofri algum tipo de bullying	Sim	Sim	Sim	Sim	100%	0%
8) Já fui demitido por causa da minha gagueira	Sim	Não	Sim	Não	50%	50%
9) Não fiz tratamento fonoaudiológico	Sim	Não	Não	Não	25%	75%